

BONS JARDINS DE TOLERÂNCIA RELIGIOSA: PLANTANDO SEMENTES E COLHENDO FRUTOS

Maria Aurislane Carneiro da Silva¹
Jacquicilane Honorio de Aguiar²
Marcos da Silva Rocha³
Gerlaine Cristina Silva Franco⁴
Chistian Dennys Monteiro de Oliveira⁵

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar as atividades desenvolvidas no projeto de extensão Bom Jardim de Tolerância Religiosa: Trabalhando o diálogo inter-religioso como estratégia da Formação Cidadã a partir da Escola Básica, vinculado ao Laboratório de Estudos Geoducionais e Espaços Simbólicos (LEGES) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Busca-se trabalhar em consonância com temas explorados pelo ensino de Geografia a questão da pluralidade religiosa e do diálogo inter-religioso no ambiente escolar, através de discussões e da exploração de materiais audiovisuais e atividades em grupo. A Escola de Ensino Fundamental e Médio (EEFM) Patronato Sagrada família, localizada no bairro Antônio Bezerra da cidade de Fortaleza/CE, foi escolhida para como *locus* de investigação do projeto em 2019, sobretudo por seu caráter religioso, representado nas estruturas físicas e pedagógicas da escola, causando confrontos e conflitos entre os diversos sujeitos escolares. Desse modo, construir conhecimento e fomentar discussões sobre as várias religiões distribuídas pelo mundo, a partir de uma visão cultural, foi o caminho utilizado para estimular a prática cidadã, o respeito, a tolerância e o convívio social. Os frutos colhidos pela atividade do projeto foram partilhados por alunos, professores, gestão escolar e comunidade em geral, visto que, a escola enquanto instituição social possui dentre tantos outros, o papel de despertar o espírito crítico, consciente e reflexivo de seus sujeitos.

Palavras-chave: Pluralidade religiosa, Tolerância, Diálogo, Ensino de Geografia, Formação cidadã.

INTRODUÇÃO

A religião pode ser considerada uma das expressões culturais que mais se envolveram e mobilizaram as estruturas sociais humanas ao longo dos séculos, participando

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Geografia e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, aurislanemcsilva@gmail.com;

² Doutoranda e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, jacquicilane@gmail.com;

³ Doutorando e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, marcoos.rocha@hotmail.com;

⁴ Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, gerlainesilva0@gmail.com;

⁵ Pós-Doutor em Geografia Humana pela Universidade de Sevilha. Professor Associado, no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará -. UFC, cdennys@gmail.com.

intrinsecamente das esferas políticas, econômicas e educacionais. Neste sentido, é importante considerar que as primeiras formas de ensino chegaram ao Brasil, ainda colônia de Portugal, com a Companhia de Jesus, uma congregação de jesuítas responsáveis pela criação dos primeiros institutos educacionais e, conseqüentemente, pela propagação da religião católica no território (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008). Neste período, o ensino religioso voltado a formação de cristãos, era assegurado por lei, visto que, o Estado se assumia confessional e concebia o catolicismo como religião oficial.

Chegando ao período republicano, no final do século XIX, de acordo com Pêcego (2014), o Ensino da Religião Católica Romana, entra em crise com o surgimento do novo regime em 1891, que pedia em sua constituição a separação do Estado e da Igreja ao afirmar que “nenhum culto ou igreja gozará de subvenção ou aliança com o governo dos Estados” (artigo 72, § 7º), estabelecendo assim, os primeiros passos para a criação dos princípios de liberdade religiosa no Brasil. Tais princípios foram se complementando e se consolidando no discurso das Constituições posteriores, mas só na atual Constituição brasileira (1988) o Estado assumiu um caráter laico⁶, abrindo lugar para o direito ao culto de outras religiões que não só a de origem cristã.

Dessa forma, todos os espaços públicos pertencentes à União e demais subdivisões políticas precisam respeitar as multiculturalidades dos sujeitos que vivenciam esses espaços, assumindo uma posição neutra perante a essa diversidade cultural. No entanto, apesar da escola se classificar como um desses espaços, é comum ouvir inúmeros relatos de escolas nos mais diferentes lugares, que ainda apresentam em seus currículos um ensino religioso voltado para a catequização, desrespeitando a pluralidade religiosa e cultural de seus sujeitos. Tanto nos casos menos críticos como nos mais extremos, as discussões informais dos sujeitos acerca da temática religiosa geram, na maioria das vezes, desconfortos, confrontos e conflitos nos diversos espaços sociais. Assim, se faz necessário trabalhar a temática no ambiente escolar a partir do diálogo, incentivando as discussões para promoção da tolerância.

Partindo desse pensamento e assumindo a diversidade cultural e religiosa brasileira, o projeto intitulado “Bom Jardim de Tolerância Religiosa: Trabalhando o diálogo inter-religioso como estratégia da Formação Cidadã a partir da Escola Básica”, surge das pesquisas e estudos desenvolvidos no Laboratório de Estudos Geoeeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) a respeito

⁶ É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público. (BRASIL, 1988)

desta temática. Este projeto que iniciou suas atividades em 2016, vem até aos dias atuais debatendo sobre tolerância religiosa em diferentes escolas públicas, buscando como o próprio título sugere, trabalhar aliado a temas explorados pelo ensino de Geografia as questões que envolvem a pluralidade religiosa e o diálogo inter-religioso no espaço escolar, criando momentos de debates e construção do conhecimento crítico ao compreender as várias religiões como fatores culturais que contribuem para produção do espaço geográfico e influenciam as ações e pensamentos humanos na sociedade. Deste modo, embora tenha seu foco central na formação cidadã dos alunos, acredita-se que partirão deles reflexões e ações que possam atingir a comunidade escolar como um todo.

Neste ano, o projeto iniciou suas atividades na Escola de Ensino Fundamental e Médio Patronato Sagrada Família, localizada no Bairro Antônio Bezerra, da cidade de Fortaleza/CE. Esta escola chama atenção por seu caráter religioso católico, representado tanto nas estruturas físicas, pelas imagens religiosas espalhadas em todos os espaços da escola e presença de uma capela no centro de suas imediações, assim como nas ações e atividades pedagógicas da escola através dos encontros religiosos na capela e nos acolhimentos no pátio antes do início das aulas. Estas características fazem com que o ensino religioso da escola não esteja necessariamente explícito nos conteúdos em sala de aula, mas é possível identificá-lo atuante, como por exemplo, através de palestras ministradas por grupos de jovens católicos.

Diante dessa dinâmica, o projeto procurou responder às seguintes perguntas: Qual a influência deste espaço escolar nas relações entre alunos, professores e gestão escolar? De que forma as ações do projeto podem contribuir para a formação crítica e cidadã dos alunos e contribuir para a mediação de possíveis conflitos culturais neste espaço escolar?

Para responder tais questionamentos, este artigo apresentará em quatro seções, a partir deste, as impressões, dificuldades, intervenções e resultados adquiridos ao longo dos quatro meses de atuação do projeto Bom Jardim de tolerância religiosa, na referida escola apresentada.

TOLERÂNCIA RELIGIOSA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CIDADÃ

Pesquisar, refletir e discutir sobre religião significa, antes de tudo, compreendê-la como uma das dimensões fundamentais da existência humana e um dos pilares centrais de diferentes culturas. Destarte, crenças, símbolos e representações se multiplicam por múltiplos

espaços sociais, deixando marcas visíveis e ocultas nas instituições públicas e privadas do espaço geográfico. Buscar entender essas marcas significa perceber as relações de poder e articulações culturais existentes entre os diversos grupos religiosos da sociedade.

O Brasil se apresenta como um Estado laico (BRASIL,1988), e assegura pela sua constituição a liberdade e o respeito às múltiplas crenças e cultos religiosos nos espaços públicos de seu território. No entanto, embora a hegemonia do imaginário católico enquanto definidor, não apenas de uma identidade religiosa nacional, mas também dos lugares a serem ocupados por outras denominações no contexto social, esteja sendo fortemente impactada pela recomposição das relações entre Igreja, Estado e Sociedade, ainda é possível encontrarmos em algumas instituições resquícios mais evidentes dessa expressão religiosa (GABATZ, 2015). É o que acontece, em muitos casos, com o ensino religioso nas escolas.

A escola nas palavras de Tardif e Lessard (2009) é um espaço sócio-organizacional no qual atuam diversos indivíduos ligados entre si por vários tipos de relações mais ou menos formalizados abrigando negociações, colaborações, conflitos e reajustamentos circunstanciais ou profundos. Estas relações, de acordo com Kimura (2008), se articulam em forma de teia, interligando a participação dos diferentes sujeitos educacionais e escolares, como alunos, professores, gestores, funcionários, pais e comunidade em geral. Estes sujeitos chegam ao espaço escolar incumbidos de aspectos culturais e precisam se articular a fim de promover um local que respeite a diversidade de pensamentos e crenças ali estabelecidos, assim como, o confronto de diferentes saberes.

Conforme Candau (2008), este confronto ocorre devido a escola ser um espaço de cruzamento de culturas, sendo permeado por tensões e conflitos advindos do choque entre elas. Concordando com Candau, Cavalcanti (2012) declara que a escola é:

Um lugar de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares. (CAVALCANTI, 2012, p. 45)

Deste modo, podemos conceber a escola como instituição formada e formadora de sujeitos multiculturais. Para Hall (2006), tal multiculturalidade advém de um termo qualitativo, usado para descrever características e problemas sociais que se apresentam dentro de qualquer sociedade, formada por diferentes sujeitos que “convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original” (p. 50). Na visão de Guidotti (2014), a escola, diante das demais instituições, culturas e crenças presentes

onde está inserida, está sujeita às influências provenientes do seu campo externo, se configurando como um reflexo do que existe no espaço social.

Essas influências percebidas no ambiente escolar, muitas vezes desencadeiam relações e práticas internas que podem tornar essa, que deveria ser democrática, reflexiva e libertadora, em um local diametralmente oposto a seus objetivos. Ainda de acordo com Guidotti (2014), a presença do discurso religioso como um dos mais influentes no espaço escolar, induz a hipótese de que existem práticas (in)conscientes que procuram impor apenas uma visão religiosa nas instituições da rede básica de ensino, que acabam por gerar conflitos e constrangimentos no que diz respeito à diversidade cultural e religiosa.

Por isso, o ensino religioso deve ser compreendido como um ato educativo de reflexão sobre a vida humana e espiritual aos quais as diversas religiões apresentam através de cultos e expressões distintas, e não, de modo catequizador e impulsionador das crenças e sentidos de uma única religião. Assim como afirma Aragão (2018), a religião deve ser tratada na escola como objeto de estudo que contribui com a formação geral do cidadão, em um exercício realizado com os estudantes sobre religiosidade e espiritualidade em suas expressões simbólicas e valorativas.

Reconhecendo a multiculturalidade dos sujeitos e a pluralidade religiosa que compõe a sociedade brasileira, bem como a escola como um local de encontros e confrontos de culturas, é que o Projeto Bom Jardim de tolerância religiosa procura estabelecer momentos de debates e reflexões sobre a diversidade religiosa no âmbito da escola básica, tendo o diálogo e o respeito como caminhos para a construção da tolerância. De acordo com a declaração de princípios sobre tolerância (1995), esta “é fomentada pelo conhecimento, a abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença” (artigo 1º, p. 11). É assim, o respeito, a aceitação e apreço da riqueza e da diversidade das culturas do mundo, das expressões dos seres humanos em busca de substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz.

Neste sentido, o caráter extensionista do projeto encontra na escola básica a contribuição cognitiva e cultural para o retorno social de suas pesquisas, colaborando na formação crítica, reflexiva e cidadã dos estudantes. Este ano, como citado anteriormente, o projeto iniciou seus trabalhos na escola Patronato Sagrada Família que, por ter uma estrutura oriunda de uma congregação de freiras, apresenta em seu espaço escolar representações e expressões religiosas, voltada ao ensino da religião católica, de modo implícito vinculados em seus rituais escolares expressos nos encontros na capela e nos acolhimentos.

Tais encontros são voltados a “reflexão da palavra de Deus” em prol da valorização e propagação das virtudes humanas como respeito, amor, paz, amizade entre outros. Entretanto, ao escolher uma expressão religiosa para desenvolver essas habilidades sociais, a escola acaba por (in)conscientemente impor uma religião ao seus alunos, possuindo um ensino religioso quase que confessional por meio de seus rituais escolares, causando descontentamento e casos de intolerâncias entre os sujeitos ali presentes. Em um contexto escolar como esse é essencial a realização de práticas que impulse os alunos, professores e demais profissionais ali presentes, a pesquisar, debater e refletir sobre a pluralidade de culturas e religiões que a sociedade brasileira apresenta, visto que, o conhecimento crítico é o caminho para a formação cidadã e a construção da tolerância não só religiosa mas em relação às múltiplas questões sociais como um todo.

Para isto, Callai (2001) aposta na Geografia como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, ou seja, discute as questões da sociedade por meio de uma “visão espacial”. É uma disciplina, portanto, formativa por excelência, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania. Neste sentido, dentro da escola a Geografia se apresenta como meio de formação crítica e reflexiva dos sujeitos que interagem nesse espaço escolar multicultural, e pode com isso, construir situações de aprendizagem para romper com as barreiras homogêneas culturais e religiosas presentes neste espaço. Entretanto, a Geografia não se encontra sozinha no espaço escolar e deve com as demais ciências humanas interessadas na construção social do ser e do saber, praticar a interdisciplinaridade em prol da formação completa dos sujeitos escolares.

Desse modo, reforçamos a relevância da realização do projeto Bom Jardim de tolerância religiosa nesse contexto escolar, pois a partir do ensino de Geografia e demais ciências podemos ser mediadores como afirma Cavalcanti (2012), dos confrontos culturais na escola possibilitando a valorização da diversidade social e religiosa brasileira. Na próxima seção veremos como o projeto desenvolveu suas atividades e alcançou seus primeiros resultados na escola apresentada.

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS: CONSTRUINDO LAÇOS E ESTABELECENDO METAS COM A ESCOLA

O projeto Bom Jardim de tolerância religiosa, mesmo tendo iniciado suas atividades em 2016 em outras escolas, vem dando continuidade aos seus estudos e discussões sobre a pluralidade religiosa na EEFM Patronato Sagrada Família, que teve seu contexto escolar e as relações culturais e sociais apresentadas na seção anterior. Partindo desta realidade educacional o projeto atuou com base em uma abordagem metodológica qualitativa, ao procurar analisar e interpretar o objeto de pesquisa (espaço escolar x sujeitos escolares) em seus aspectos mais profundos, com o intuito de dar conta da complexidade do comportamento humano (MARCONI; LAKATOS, 2006).

Diante desta abordagem, a atuação do projeto se deu através de uma pesquisa participante, ao qual Severino (2007) caracteriza como aquela em que o pesquisador se aproxima dos sujeitos pesquisados com o intuito de partilhar das suas vivências. Esta participação ocorreu de forma sistemática e contínua durante o percurso do projeto, sendo possível identificar a realidade das relações, discussões e confrontos culturais, facilitando a interação entre bolsistas, alunos, professores e gestão escolar.

Para tanto, a ação da primeira fase do projeto, que teve seu início em abril e concluída em julho de 2019, se organizou em duas principais etapas a seguir: i) levantamento de dados bibliográficos secundários, por meio de livros, artigos, documentos oficiais sobre a multiculturalidade, escolar, e tolerância religiosa, bem como, dados primários a partir das observações, da aplicação de questionários e de conversas informais. ii) espaços formativos divididos em dois momentos: 1º discutindo o conceito de tolerância e a pluralidade religiosa, assim como, o diálogo inter-religioso no Brasil e no mundo; 2º roda de conversa, intitulada “sujeitos diversos e sociedade: o diálogo em prol da tolerância”.

Estas etapas se desenvolveram de modo mais aprofundado inicialmente junto a duas turmas do segundo ano do Ensino Médio (2º B e 2º C). Entretanto, no decorrer das atividades as ações do projeto foram ampliadas a participação de todos interessados pela temática, fomentada pela última atividade realizada no mês de julho (período de férias). Portanto, seguindo esse caminho metodológico, as atividades se desenvolveram de modo colaborativo com a gestão escolar e professores das ciências humanas promovendo momentos de reflexão sobre tolerância não só religiosa, mas envolvendo outros temas sociais como o combate ao racismo, à homofobia e à violência contra a mulher.

DAS SEMENTES PLANTADAS AOS PRIMEIROS FRUTOS DE TOLERÂNCIA

Diante do planejamento estabelecido, a realização da primeira etapa metodológica se deu através da construção de um diagnóstico sobre os rituais escolares e culturais, bem como, das relações estabelecidas pelo caráter religioso da escola. Por meio deste, percebemos a oculta imposição do ensino religioso católico nesta escola ao promover momentos de reflexões a partir de questões voltadas a essa forma de culto, como descrevemos na seção anterior. Os conflitos e confrontos culturais e religiosos produzidos por essas características, puderam ser percebidos por meio das conversas informais e pela aplicação de um questionário respondido por 80 alunos das respectivas salas escolhidas no projeto (2ºB e 2ºC). Quando questionado sobre o tema “religião” ser trabalhado na escola, o aluno 64 afirmou:

Acho muito importante, principalmente porque aqui na escola a gente tem a religião católica muito forte nos encontros da capela, e muita gente tem outra religião e se sente desconfortável de participar desses momentos. É preciso que as outras religiões também sejam trabalhadas para que todo mundo se sinta representado. (A64, 2019)

A resposta do aluno 64 representa a insatisfação de muitos outros que responderam o questionário, ressaltando a necessidade de ações voltadas a ampla discussão sobre religião no espaço escolar e as questões que envolvem essa temática como propõe o projeto. Além desta questão, o questionário apresentou perguntas voltadas a extrair o conhecimento dos alunos sobre o conceito de tolerância e intolerância e os suas opiniões sobre episódios de desrespeito e hostilidade contra pessoas adeptas de religiões não cristãs ou sem religião definida. As respostas para essas perguntas mostram uma situação em que a maioria dos alunos não conseguiu definir o conceito de tolerância, mas se expressavam de maneira contrária a qualquer episódio de agressão física ou moral para com a diversidade religiosa e cultural como um todo.

Partindo destas informações, o projeto se desenvolveu por meio de dois momentos que nomeamos de “espaços formativos”. O primeiro aconteceu como um espaço de discussão sobre o conceito de tolerância, traçando um caminho a partir da ação do “diálogo” e na construção do “respeito” até chegar na definição do conceito. Assim, por meio de recurso audiovisual foram explorados, com as turmas escolhidas pelo projeto, a constituição de várias religiões mundiais como as orientais (Budismo, Hinduísmo e Taoísmo), as de origem islâmica, as de matriz africana e o cristianismo, assim como, as suas influências na cultura e nas articulações sociais presentes no espaço geográfico, assumindo portanto, a religião como aspecto cultural do ser humano. Além disto, foram criadas discussões sobre o ateísmo e o

agnosticismo dando espaço de expressão para as pessoas que não se afirmam a uma determinada religião.

O segundo espaço formativo, foi construído com um grupo de alunos interessados pela temática e teve como objetivo central falar sobre “Tolerância” no seu mais amplo alcance, assim, além da questão religiosa também foram trabalhadas as reflexões sobre racismo, homofobia e violência contra a mulher. Deste modo, em formato de roda de conversa as discussões se desenvolveram a partir de situações problemas com foco em cada tema pré-estabelecido. Situações como: “em um estacionamento de shopping, um negro e um branco, estão tentando abrir um carro, qual deles você acha que está tentando roubá-lo?”; “Você é dono de uma empresa, o fato de uma pessoa se autodeclarar homossexual influenciaria sua escolha por contratá-la?”; “Na escola que você estuda chegou uma novata, ela por seguir uma religião mulçumana, usa burca. Qual seria seu comportamento com ela?”; entre outras. Tais situações retratam acontecimentos cotidianos, que muitas vezes passam despercebidos, mas são frutos de reações que perpassam o pré-julgamento das pessoas que são influenciadas pela herança histórica patriarcal, causando racismo, homofobia e intolerância religiosa. Os registros deste segundo espaço formativo estão registrados no mosaico da figura 1 abaixo:

Figura 1 - Mosaico de fotografias dos Espaços formativos com o tema - sujeitos diversos e sociedade: o diálogo em prol da tolerância.



Fonte: Acervo e elaboração dos autores, 2019.

Após a discussão das temáticas os alunos participantes confeccionaram pequenos painéis que continham desenhos, recorte de jornais e mensagens escritas em prol da tolerância, como pode ser visto no mosaico de fotos da figura 2 a seguir:

Figura 2 – Painéis produzidos pelos estudantes como produto dos Espaços formativos



Fonte: Acervo e elaboração dos autores, 2019.

Com a realização destes dois espaços formativos, o projeto pode construir novos conhecimentos e gerar reflexões feitas através de uma visão cultural da religião e de sua influência social na produção do espaço geográfico, tendo como base o ensino de geografia em busca da formação cidadã dos sujeitos escolares, em especial dos alunos.

Seguindo esta linha, podemos perceber através das falas e ações dos alunos, bem como, por meio da aceitação e colaboração dos professores e da gestão escolar nas atividades que as sementes de tolerância foram plantadas e já deram seus primeiros frutos neste espaço escolar, sejam eles em função da religião ou de outras expressões culturais da sociedade. Contudo, o projeto segue semeando boas iniciativas e produzindo bons frutos na formação cidadã de alunos e profissionais que plantam novas sementes por onde passam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Bom Jardim de Tolerância Religiosa: Trabalhando o diálogo inter-religioso como estratégia da Formação Cidadã a partir da Escola Básica” está inserido no seio de um espaço escolar embebido de práticas, rotinas e celebrações típicas do catolicismo, portanto, tal realidade produz conflitos e choques culturais em função da pluralidade sociocultural e simbólico-religiosa que permeia os sujeitos que ali convivem. Portanto, o projeto demonstra relevante expressão em um ambiente como esse, pois se torna essencial para a construção do diálogo, do respeito e da tolerância religiosa.

A extensão universitária encontra na escola, o espaço ideal para construir a aproximação entre Universidade e comunidade ao estabelecer através do espaço escolar momentos de formação intelectual, cultural e cidadã, contribuindo para propagar uma cultura de paz e compreensão social a partir das práticas dos sujeitos escolares. A tolerância é uma palavra que carrega problemas estruturais da nossa sociedade, mas que também representa esperança, solução e (re)significação do mundo em que vivemos e por isso deve ser trabalhada no ambiente multicultural que é a escola (ROCHA, 2018).

Deste modo, ao reconhecer a religião como expressão cultural inerente ao ser humano o projeto articulou espaços formativos sobre a pluralidade religiosa e as relações inter-religiosas de nível local ao global, procurando entender essas questões a partir das influências na construção do espaço geográfico. Por isto, o ensino de Geografia foi base indispensável na espacialidade das discussões e na formação crítica, reflexiva e cidadã de alunos, professores e gestão escolar. Entre sementes plantadas e frutos colhidos, o projeto possibilitou essenciais avanços na luta contra intolerância religiosa, racismo, homofobia e violência contra mulher, pois embora discutir religião seja o foco desta iniciativa, promover a tolerância e a formação cidadã inclui abrir espaço de representação a outras temáticas que precisam ser debatidas na sociedade brasileira.

Por fim, o projeto não se encerra aqui e continuará na escola com ações voltadas ao estudo das religiões de matriz africana, considerando a necessidade de romper com as barreiras do preconceito, causado muitas vezes pela falta de informação ou pela propagação de informações distorcidas. Além disto, pesquisar e discutir sobre essas religiões na escola significa dar espaço de voz e espaço representação da cultura afrobrasileira que continua sendo silenciada.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz. As ciências da Religião e o ensino religioso. In: RIBEIRO, Antônio Lopes; MARTINS, Paulo César Borges; SILVA, Sandra Célia G. **Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo**, volume 3. Goiânia: Kelps, 2018. (p. 81-94).

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, atualizada até a Emenda Constitucional nº 39, de 19 de dezembro de 2002. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola**: muda a geografia? Muda o ensino?. Terra Livre. São Paulo, n. 16 p. 133-152, 1º semestre/2001.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para prática pedagógica. In: Moreira, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico. Campinas-SP: Papirus, 2012.

GABATZ, C. **Diversidade e Intolerância Religiosa na Sociedade Brasileira Contemporânea**. São Leopoldo: Protestantismo em Revista, v. 37, Ed. Esp. Extra. p. 03-19 jun. 2015 Disponível em: < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>> acesso em 22 Jul.2019

GUIDOTTI, Vitor Hugo Rinaldini. **A influência da religião nas escolas**: breve contraste entre o Fato Social de Durkheim e Ação Social de Weber como aporte metodológico. Revista Café com Sociologia, v. 3, n. 3, p. 107-123, 2014.

HALL, S. DA DIÁSPORA. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006. (p. 269-284).

PÊCEGO, Daniel. **Uma análise jurídico-constitucional do ensino religioso nas escolas públicas**. Lex Humana, Petrópolis, v. 6, n. 2, p. 37-59, 2014.

ROCHA, Marcos da Silva. A geografia escolar frente à intolerância religiosa: desafios e proposições. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-14, mai./ago. 2018. Disponível em <<https://goo.gl/E4Rfiu>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007. p.98-126

SHIGUNOV NETO Alexandre ; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro**: algumas discussões. Educar em revista, n. 31, 2008. P. 169 – 189.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

UNESCO. **Declaração de princípios sobre a tolerância**. Paris: Unesco, 1995.